

A DEMANDA DO VIL METAL: “MALAGUETA, PERUS E BACANAÇO”

Ricardo Koichi Miyake

Este ensaio trata da forma do conto de João Antônio como representação de um mundo cindido, em que a individualidade de caráter modernizador vem tomar o lugar dos modos de produção coletivos. Nesse sentido, a narrativa também ela se apresenta como cisão na linguagem e na caracterização de uma nova modalidade de malandragem. A partir de uma análise de fundo estilístico, a idéia é chegar a uma interpretação cuja perspectiva seja histórico-materialista e sobretudo dialética, ou seja, que veja no conto em questão os impasses de uma modernidade desumanizadora, sem deixar de lado o reverso da medalha: o grau de sua interdependência com a chamada “realidade concreta”.

A MAIS-VALIA EM CHICO BUARQUE DE HOLANDA: GOTA DÁGUA

Ana Cristina Bornhausen Cardoso (MACKENZIE)

Várias seriam as possibilidades de analisar a peça “Gota d’água” de Chico Buarque e Paulo Pontes, tamanha a riqueza de seu texto. Optou-se por revisita-la sob a perspectiva dialógica, percebendo a linguagem como discurso, vista como interação, ou seja, o que leva a associar discurso e ideologia. Desta forma, privilegia-se os textos que revelam os mecanismos do jogo social, evidenciando as relações de poder e o processo de acumulação de riqueza, fruto de uma sociedade capitalista que conduz ao caminho de uma sociedade miserável. “Gota d’água” alia questões sociais às mais altas temperaturas líricas, permitindo rediscutir o teatro de vocação política.

A opção por realizar este trabalho resultou no interesse em aprofundar conhecimentos na área de Análise do Discurso. Parte-se do pressuposto que a língua, em sua totalidade, tem uma propriedade intrínseca, o dialogismo. Isto quer dizer, que as palavras de um falante estão sempre perpassadas pela voz de outrem, ou seja, a todo instante leva-se em consideração o discurso do

outro. É por isso que se pode admitir a pluralidade de significados de um texto e, conseqüentemente, suas várias possibilidades de leitura. Partindo desta linha, faremos algumas relações da peça em questão com conceitos de Marx - mais valia - e Celso Furtado - processo de acumulação de capital/fenômeno do capitalismo bastardo.

Para elaboração deste trabalho será utilizada uma abordagem dedutiva e, para tanto, deverá proceder-se um estudo comparativo entre os textos. O corpus para a análise literária deste trabalho obedeceu à representatividade dos trechos de alto engajamento político, nos quais a condição de dominante e dominado, de domínio e subordinação, é evidenciada pelo poder econômico e pelo jogo de interesse.

CALÇANDO AS LUVAS DA SEREIA

Débora Racy Soares (UNICAMP)

Para Octavio Paz os poetas não têm biografia. Sua poesia se encarregaria de preencher a lacuna, já que são escritos de vida. A obra poética de Ana Cristina Cesar parece ser exemplar nesse sentido por ser arquitetada sobre o questionamento da autoria. Se a crise de identidade é considerada um dos sintomas da modernidade, Ana Cristina a incorpora a seu fazer poético. Escrita “in loco, sem literatura”, sua poesia é puro fingimento, apesar de a autora jurar ser “fiel aos acontecimentos biográficos”. Aprendeu a lição de Baudelaire: é tão hipócrita quanto seus leitores. Sua poesia constrói-se entre ficção e confissão, num jogo de esconde, “movimento pendular de aparecer e desaparecer”. A “técnica que dá certo” molda a poesia de Ana C. que também quer “ser tudo menos a verdade”. “Todos mentem e querem ser iludidos”, adverte a sereia da zona sul carioca. Aliás, seu canto seduz o leitor para uma mise-en-abyme de sentidos, numa espiral vertiginosa que instaura um jogo de espelhos. Nos reflexos simultâneos, vida e obra se entrelaçam num contínuo trompe-l’oeil até atingirem o ponto cego, ápice semântico. Nesse ponto - em que não se sabe mais quem fala (se autor, se personagem) - subverte-se a questão do verdadeiro e do falso. Ponto de cisão. O “Me Myself I” e as personagens que usam “disfarces, capas, rostos mascarados” explodem mediados por Ana Cristina que, propositadamente, calça luvas de pelica. Luvas que servem de mediação, anteparo da realidade. Luvas que retira ao desejar “contar o resto daquela história verdadeira”. A chave interpretativa está no movimento do pêndulo. Em Correspondência Completa, livro lançado de forma independente em 1979, Ana dá a dica: é difícil fazer literatura quando o leitor pensa que “cada verso oculta (...) segredos autobiográficos” ou quando cada verso é lido como “literatura pura”, sem compreensão das “referências diretas”.

DISCURSO FILOSÓFICO SOBRE O SUJEITO EM RUBENS FIGUEIREDO

Elizabeth Fiori (UEL)

Em três contos de Rubens Figueiredo, o recorte que o autor faz da vida evidencia o conflito gerado por relações de semelhança entre o eu e o outro. São relações extremamente complexas, que tocam em questões filosóficas tais como verdade, razão, identidade e constituição do sujeito. O tema da imitação, aqui problematizado, evoca as inúmeras discussões acerca do sujeito contemporâneo essencialmente urbano, como as personagens desses contos, fruto de uma sociedade estigmatizada pela standardização, pela massificação e que, por isso, dificulta a formação de sujeitos.

DO CONTO BREVE E SUA TEMPORALIDADE PELA VIA DA PSICANÁLISE

Wilson Alves Bezerra (UFSCAR)

Muito tem sido dito pela crítica literária sobre textos de contistas que falam sobre o conto, como “Philosophy of composition” de Edgar Allan Poe, “Decálogo del Perfecto Cuentista” de Horacio

Quiroga, e “Teses sobre el cuento” de Ricardo Piglia. Diz-se de textos dessa classe, por exemplo, que comporiam uma teoria ou poética do conto. A consequência de posturas críticas como essa é o empobrecimento da análise de determinado escritor por cobrar dele coerência entre sua prática literária e sua suposta “teoria” ou “poética”. (Ver a este respeito, por exemplo, Bittencourt (1998) e Alonso, (1995))

Talvez uma das mais interessantes leituras a esse respeito seja a de Macherey (1971) que, ao tratar do artigo de Poe, fala de uma ilusão normativa, suscitada pela construção a posteriori de uma explicação sobre a gênese da escrita literária.

Nesse contexto, proponho uma releitura de tais artigos sobre o conto a partir de dois textos de Lacan: “O tempo lógico e asserção da certeza antecipada” (1945) e “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud” (1957). Pretendo discutir como abordar a questão da construção da temporalidade na narrativa breve e, com ela, dos mecanismos de tensão, antecipação e cifração de que tratam os contistas citados, em seus artigos sobre o conto.

Tal proposta de leitura responde a um intento de abordar o literário pela psicanálise, sem que isso implique incorrer no biografismo ou na psicanalização do personagem. Trata-se de uma proposta de abordar o literário preponderantemente pela forma.

MÁRIO DE ANDRADE NO “DIÁRIO DE NOTÍCIAS”: INVENÇÃO E CRÍTICA

Ricardo Gaiotto de Moraes (UNICAMP)

Os anos de 1939 e 1940 marcam não só o “exílio” de Mário de Andrade no Rio de Janeiro, mas também uma nova etapa em sua atividade intelectual: a crítica de circunstância regular. Entre março de 1939 e setembro de 1940, com periodicidade semanal, o autor de MACUNAÍMA passa a ser o responsável pela coluna “Vida Literária”, do jornal carioca DIÁRIO DE NOTÍCIAS.

A partir da leitura do conjunto de “Vida Literária”, pode-se perceber que a crítica não se estabelece por uma entrada obrigatória e metódica para os diferentes gêneros literários, mas sim pela mobilização de certas categorias que, muitas vezes, perpassam vários artigos. Longe de estabelecer um critério fechado essas categorias permitem flagrar as preocupações do crítico em relação à produção literária contemporânea. O fio condutor dessas preocupações parece ser a tentativa de indentificar a realização do específico da obra literária. Assim, numa crítica que se desenrola em tom de conversa, dentre historietas e piadas, o autor se mantém coerente ao programa assinalado já no artigo de apresentação da coluna, “Começo de Crítica”, ou seja, a procura do essencial da Arte.

Para tentar esboçar o que Mário de Andrade compreende por “essencial da Arte” e como essa definição está presente nas categorias críticas mobilizadas, trataremos, nesta comunicação, das análises de livros de poesia, de autores como Vinicius de Moraes, Murilo Mendes e Cecília Meireles. Pretendemos, desta forma, traçar alguns aspectos de nosso estudo, cujo cerne é por meio de uma criteriosa análise da contribuição de Mário de Andrade na coluna “Vida Literária”, buscar reconstituir os traços da crítica, levando em consideração tanto a especificidade do rodapé literário, quanto a totalidade de textos críticos do autor, incluindo a crítica mais ligeira para jornais e também os ensaios de maior fôlego.

MÁRIO DE ANDRADE: DA TEORIA À PRÁTICA. UMA LEITURA DA “POLIFONIA POÉTICA” EM POEMAS DE PAULICÉIA DESVAIRADA

Regina Célia dos Santos Alves (UEL)

Mário de Andrade, além de grande escritor, certamente um dos maiores da literatura brasileira, e estudioso da música e de nosso folclore, foi também crítico literário. Suas obras ensaísticas,

como *A Escrava que não é Isaura*, *Aspectos da Literatura Brasileira* e *O Empalhador de Passarinhos*, por exemplo, revelam a preocupação do autor em compreender nossa literatura, tanto no âmbito histórico quanto teórico. Na obra *A Escrava que não é Isaura*, a intenção de Mário é estabelecer alguns parâmetros da poesia modernista, atentando para seus aspectos de constituição formal. Nesse sentido, o presente trabalho tem por objetivo o estudo de alguns poemas de Paulicéia Desvairada, obra de Mário de Andrade em que os ideais modernistas de composição poética se fazem evidentes, a fim de verificar em que medida as considerações poéticas expostas pelo autor em *A escrava que não é Isaura*, sobretudo naquilo a que Mário chama de “polifonia poética”, considerada por ele um dos procedimentos inovadores do modernismo, expressam-se em sua prática poética, ou seja, em seu fazer literário.

O “SER” E O “ESTAR” COMO INSTÂNCIAS DA SEXUALIDADE HUMANA NO CONTO “AQUELES DOIS” (CAIO FERNANDO ABREU)

Francis de Lima Aguiar (UEL)

Análise das condições de Raul e Saul, personagens de “Aqueles Dois” (ABREU, Caio F.), evidenciando aspectos que apontam para o fato de o “ser” e o “estar” homo ou heterossexual, dentro do contexto apresentado na narrativa, não serem condições conscientes ou definitivas nas personagens. Uma comunicação que propõe rever o valor conferido aos estereótipos na tentativa de enquadramentos de gênero.